

# VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EM CONTEXTOS ESCOLARES: O DISCURSO DE AUTORIDADE NO FILME “ENTRE OS MUROS DA ESCOLA”

## SYMBOLIC VIOLENCE IN SCHOOL CONTEXTS: THE DEBATE OF AUTHORITY IN THE FILM “THE CLASS”

Tatiane Kelly Pinto de Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é oferecer uma contribuição à interpretação do papel que cabe às trocas linguísticas no contexto escolar na construção do discurso, considerando-se a problemática da violência simbólica no filme “Entre os Muros da Escola”. A partir das estratégias discursivas utilizadas pelos atores sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, nossa intenção é propor uma nova leitura das relações sociais dentro das escolas, a partir das contradições nas tensões verbais e não-verbais em alguns episódios da narrativa fílmica. A técnica adotada na análise fílmica baseia-se na decupagem como instrumento de construção de significados para a seleção de trechos da obra. Conclui-se que, em alguns momentos, a autoridade do professor suscita uma visão colonizadora no contexto escolar. Por isso, mostra-nos novas formas e novos olhares sobre os alunos, de maneira a não desvinculá-los da realidade. Assim, trata-se de um assunto relevante não somente para a área da educação, pois levanta questões que não se restringem apenas ao universo escolar.

**Palavras-chave:** Violência simbólica, discurso de autoridade, contexto escolar.

**Abstract:** The objective of this paper is to offer a contribution to the interpretation of the role of the linguistic exchanges in the school context in the construction of discourse, considering the problem of symbolic violence in the film “The Class”. Considering the discursive strategies used by social actors involved in the teaching-learning process, our intention is to propose a new reading of social relations within schools, based on the contradictions in verbal and nonverbal tension in some episodes in the film. The technique adopted in film analysis is based on *decoupage* as an instrument construction of meanings for the selection of parts of the work. It is concluded that, at times, the teacher's authority raises a colonizer vision in the school context. That is why, it shows us new ways and new perspectives about the students, in a way that does not separate them from reality. Thus, it is relevant subject not only for education since it raises questions that are not restricted the school universe.

**Key-Words:** Symbolic violence, discourse of authority, school context.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Bolsista Capes. Email: [tkpcarvalho@yahoo.com.br](mailto:tkpcarvalho@yahoo.com.br)

*Artigo recebido em julho de 2011; aprovado em outubro de 2011*

**Iniciando o debate: breve resumo do filme “Entre os muros da escola”**

É merecido lembrar que um objeto fílmico é composto por [...] imagens, sons, diálogos, cenas, detalhes, que são pensados e repensados, assim sendo, são puras conjecturas visuais de histórias possíveis (FELLINI apud SANTOS, 2007, p. 206). A análise baseia-se, portanto, a partir das considerações

[...] deste mundo em que a história acontece, em que os personagens transitam e que se assemelha à realidade, mas não tem compromisso com o real, pois a liberdade criativa impera, misturando elementos diversos (signos) para um fim: o filme (SANTOS, 2007. p. 3).

Sendo assim, para este estudo, foram escolhidos alguns trechos do filme para a interpretação. Através da decupagem, o critério de seleção adotado para a análise dos discursos considerou as falas mais impactantes, no nosso ponto de vista, que se remetiam aos alunos como sujeitos inferiores, que não sabiam se comportar adequadamente numa sala de aula. Todavia, sabe-se que esse recorte poderia fragilizar a compreensão do leitor, pois este teria que conhecer a obra para a compreensão do artigo. Portanto, é importante que se faça uma breve descrição para melhor compreender nossas interpretações.

A linguagem na sala de aula é o espaço onde se pode observar o conflito cultural presente no filme “Entre os muros da escola”, vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes no ano de 2008. De um lado está François Marin, um professor de francês vivido por François Bégaudeau. De outro, está um grupo de alunos entre 13 e 15 anos composto por negros africanos, asiáticos latino-americanos e franceses.

Existem várias contradições que separam o professor e os alunos que protagonizam o filme. Pode-se recorrer à expressão "choque de civilizações" para sintetizar a relação entre eles. Há uma diferença cultural e social que gera incompreensão e atrito entre ambas as partes, em uma fotografia do que seria a França contemporânea e que pode ser expandida para outros países, até mesmo o Brasil.

Considerando que “as palavras fazem nascer outras imagens, desviam o fim que a imaginação cinematográfica persegue” (FELLINI apud SANTOS, 2007, p. 206), numa primeira leitura acerca da narrativa fílmica, François pode ser visto como um educador, mas também como uma espécie de colonizador, visto que se esforça em fazer com que seus alunos incorporem o idioma francês, sem considerar as diferentes etnias que compõem o contexto escolar.

A imagem de alunos que questionam a autoridade do professor e até mesmo são agressivos possibilita uma discussão que permeia a escola contemporânea, não somente no contexto francês. Trata-se de um retrato que talvez não seja tão diferente do que presenciamos em nossas escolas, ou seja, o desrespeito aos professores.

É importante ressaltar que o filme não faz menção somente à educação, menciona também problemas que a sociedade enfrenta na contemporaneidade, como o conflito entre classes sociais, a noção de autoridade, os vários grupos sociais do contexto escolar. Soma-se a isso, o fato do capital cultural e social que os alunos carregam consigo e que são refletidos em seu processo de ensino-aprendizagem.

### **Considerações sobre a escola contemporânea**

Vários são os encontros e seminários estaduais, nacionais e internacionais que discutem questões metodológicas sobre o papel vital da educação, bem como a formação e as condições do trabalho docente, sugerindo novos referenciais teóricos para a compreensão da questão escolar. Desse modo, o sistema educacional tem representado um papel cada vez mais vital no século XXI, o que nos faz reconhecer que os alunos têm direito a mais: a cultura, ao conhecimento socialmente construído, a sua memória e identidade.

A partir da constatação de que o papel docente exige a adaptação do tempo, do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, de objetivos educacionais, pode-se dizer que lecionar é uma ação complexa que exige do professor o domínio de vários saberes não somente voltados ao conteúdo, uma vez que ele é o responsável por transformar o saber a ser ensinado em saber apreendido, fator relevante no processo de produção do conhecimento.

Nesse sentido, conhecer e reconhecer a cultura dos alunos no ambiente escolar é de fundamental importância para que seja possível avaliar, avançar e reavaliar as práticas que norteiam o trabalho docente. No entanto, isso só se torna possível a partir do momento em que se conhece e leva em consideração os saberes dos educandos, sobretudo das classes populares, socialmente construídos na prática comunitária.

A prática educativa é, portanto, uma prática histórica e social que não se constrói apenas pelo conhecimento científico, é também moldada a partir das trajetórias profissionais. Além disso, são atividades realizadas num contexto de comunicação interpessoal e que geram uma cultura alicerçada em costumes, crenças, valores e atitudes dos docentes.

No entanto, sabe-se que a profissão docente na contemporaneidade não tem despertado grande atração. A entrevista de Balazc e Sayad (2008) a um diretor de uma escola francesa localizada em uma ZEP (zona de educação prioritária), o que em outras palavras quer dizer “bairro difícil”, pode nos revelar algumas marcas sobre a docência na atualidade. Verificou-se que o diretor possuía um tom de conversa desencantado pela educação. Além disso,

[...] deixa entrever toda a tristeza que lhe inspira sua experiência: a aversão pela violência dos alunos, mas também por aquela exercida pela instituição escolar, rivaliza em seu interior com o mal-estar que ele sente de se ver assim obrigado a usar de violência contra a representação que ele tinha feito para si da escola e de sua profissão de educador. Ele não pode aceitar que a escola seja hoje em dia tratada como se fosse uma delegacia, e se resignar a imaginar-se como um simples agente da manutenção da ordem, obrigado a “usar a força” (BALAZX; SAYAD, 2008, p. 570).

As mesmas tensões que foram observadas no ano de 1990, de uma forma ou de outra, ainda estão presentes no contexto escolar – inclusive o brasileiro – obrigando-nos, dia a dia, a rever as didáticas, os conteúdos, a metodologia de ensino para receber os alunos que hoje temos.

A prática profissional, assim, vai além do espaço da sala de aula e o trabalho docente rege-se por normas coletivas adotadas por outros professores e por regulações organizacionais. Como Sacristán (1995, p. 66), pensamos que “o ensino é uma prática social, não só porque se concretiza na interação entre professores e alunos, mas também porque estes atores refletem a cultura e contextos sociais a que pertencem”.

### **O contexto escolar: um terreno de lutas**

Encontramos filmes que preconizam a tensão como irremediável e irreconciliável entre culturas distintas, entre valores e condutas. Nas palavras de Arroyo (2009, p. 286), “sobretudo no realismo estético de tantos filmes sobre escola, professores, educandos, crianças, adolescentes e jovens, podemos ver a realidade poética e trágica em que produzem seus tempos”. Partindo dessa afirmação, o filme que rege nossas reflexões neste trabalho, “*Entre os Muros da Escola*”, trata das dificuldades que perpassam uma escola pública da periferia de Paris e que podem, também, ser observadas na realidade escolar no Brasil. É merecido lembrar que

O filme [...] não se preocupa com a verdade, possui como elemento característico ser aberto a várias leituras e releituras, mas, para que isso ocorra, há nele esse caráter potencial de poder gerar uma diversidade de interpretações que pairam sobre a obra, que transcende o tempo, nunca se desgastando, ao contrário sempre se renovando, *in futuro* (SANTOS, 2007, p. 4).

Duas indagações básicas norteiam este trabalho: a) Como pode ser compreendido o discurso pedagógico que norteia as práticas pedagógicas e sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem? b) De que maneira é possível evitar conflitos e tensões em sala de aula, levando-se em consideração a linguagem utilizada tanto por professores quanto pelos alunos?

Para tentar articular algumas das respostas possíveis, começaremos recorrendo a Pierre Bourdieu. Dentre suas idéias principais, daremos ênfase ao conceito de *violência simbólica*, numa tentativa de analisar as reuniões pedagógicas e suas avaliações sobre o contexto escolar, os métodos utilizados para se resolver os conflitos e tensões presentes na instituição. Defendemos que seus pensamentos serão úteis para se entender como age o corpo docente perante dadas situações nos contextos escolares. Em segundo, daremos enfoque nas contribuições de Mikhail Bakhtin no que se refere aos enunciados e discursos veiculados no âmbito escolar. Sua contribuição será de suma importância à medida que poderemos levantar como a linguagem funciona entre diferentes grupos, configurando discursivamente um julgamento de uma dada situação. Obviamente, as contribuições de outros estudiosos no assunto foram de muita validade para se refletir sobre algumas nuances do contexto escolar.

Alguns autores, entre eles Bourdieu (2010), acreditam que a direção que o discente tomará em seu desenvolvimento, ou seja, o sucesso ou fracasso escolar tem profunda ligação com a herança familiar, as práticas culturais, as instituições das quais participa e das possibilidades de acesso às informações existentes em seu contexto. Mas, para Arroyo (2009, p. 248), “estas observações [...] resultam um tanto chocantes a cultura escolar e docente que tem uma imagem bastante negativa do meio e contexto social e cultural onde nascem e sobrevivem os alunos dos setores populares”.

Neste contexto, não devemos deixar à margem as considerações do sociólogo francês, pois a família e outras instituições sociais são definidoras do rumo escolar dos discentes, mas não podemos deixar de levar em consideração, assim como Arroyo, que isso se configura num estereótipo dos alunos que pode, muitas vezes, até definir as atitudes, ensinamentos e rumos tomados pelos docentes no contexto escolar.

A partir dessas considerações, nossa intenção é verificar, por meio de episódios que daremos destaque – as reuniões e encontros pedagógicos e o “caos” que se instaurou na sala de aula após um discurso do professor François – como a escola se transformou num espaço de julgamento e não de construção do conhecimento. Ressalta-se que todas as instituições são dotadas de poder e exercem, de alguma forma, a violência simbólica que, como poder de fazer ver e de fazer crer, e de impor a classificação legítima ou legal, depende da posição ocupada no espaço. Assim, pode ser observada sob diferentes ângulos. A saber,

[...] todas as estratégias simbólicas por meio das quais os agentes procuram impor a sua visão das divisões do mundo social e da sua posição nesse mundo podem situar-se entre dois extremos: o insulto, *ideos logos* pelo qual um simples particular tenta impor o seu ponto de vista correndo o risco da reciprocidade; a *nomeação oficial*, acto de imposição simbólica que tem a seu favor toda a força do colectivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por um mandatário do Estado, detentor do *monopólio da violência simbólica legítima* (BOURDIEU, 2009, p. 146).

Partindo então da constatação de que a sala de aula é um espaço no qual as estratégias simbólicas estão presentes, as interações entre os sujeitos podem trazer significados importantes para se compreender os processos de enunciação que cada um desses grupos (discentes e docentes) constroem – formas de perceber, de pensar os problemas dentro e fora da escola – bem como podem nos levar a um olhar mais crítico e reflexivo sobre algumas atitudes e decisões desencadeadas numa instituição que tem como um de seus objetivos e metas a formação humana.

Os limites de cada enunciado dito em sala de aula pelo professor, que faz parte de uma unidade da comunicação discursiva, são definidos pela alternância dos falantes, ou seja, dos alunos e do docente. Isso porque um discurso dialógico precisa de tais alternâncias, de forma que cada estratégia argumentativa termine com a transmissão da palavra ao outro. Portanto,

[...] essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias (BAKHTIN, 2003, p. 275).

Cabe assim, refletir sobre os discursos que permeiam o contexto escolar e suas contradições, pois a escola é o lugar de recepção, produção e reprodução do conhecimento externo, que tem na figura do professor um intermediário desse processo, cujo grau de eficiência é mediado pela capacidade de adaptação com as mais diferentes culturas que ali

coexistem. Sendo assim, podemos dizer que, no contexto escolar, o conhecimento é sempre transformado em cada sala de aula, considerando a dinâmica discursiva que ali ocorre, apropriando-se dos ensinamentos de uma determinada maneira.

### **As reuniões pedagógicas: momento de reflexão ou punição dos alunos?**

Como já dito anteriormente, nossa intenção na análise da narrativa fílmica “*Entre os Muros da Escola*” é destacar como se constroem os discursos de autoridade e a violência simbólica no contexto escolar, levando-se em consideração as estratégias argumentativas do corpo docente. Essa intenção se faz necessária visto que,

Através do uso da noção de violência simbólica [...] tenta desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como “natural” as representações ou as idéias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre a qual se apóia o exercício da autoridade. Bourdieu considera que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas, métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, práticas lingüísticas), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares (VASCONCELLOS, 2002, p. 80-81).

Soma-se a isso que

[...] numerosos estabelecimentos escolares, aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, latente ou declarado, com todos os sofrimentos que disso resultem, não basta dar razão de cada um dos pontos de vista tomados separadamente. É necessário também confrontá-los como eles são na realidade, não para os relativizar, deixando jogar até o infinito o jogo das imagens cruzadas, mas, ao contrário, para fazer aparecer, pelos simples efeito da justaposição, o que resulta do confronto de visões de mundo diferentes ou antagônicas (BOURDIEU, 2008, p. 11).

Podemos dizer, então, que a escola apresenta um sistema simbólico de cultura, que se trata de uma construção social e sua manutenção, e se faz necessária de modo a permitir a perpetuação de uma determinada sociedade, através da interiorização da cultura por todos os membros da mesma. Sendo assim, a violência simbólica que acontece no contexto escolar muitas vezes não é percebida como tal. Isso porque o aluno chega à escola e se confronta com uma realidade, às vezes distante e desconhecida da cultura familiar. Mas seus hábitos e sua forma de pensar e agir, devem ser assimilados pela cultura escolar, de forma a garantir a coesão social, visto que dele se espera atitudes consideradas “corretas” e “adequadas” para permanecer na escola.

Pode-nos parecer estranho e até mesmo contraditório alegar que no contexto escolar nos deparamos com casos e situações de violência simbólica, embora essa possa ser exercida por diferentes instituições. O tipo de violência mais divulgado pela mídia, por exemplo, refere-se à violência física e verbal entre alunos e professores.

Segundo Vasconcellos (2002, p. 81), “o termo violência simbólica aparece como eficaz para explicar a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras, das sanções, a incapacidade de conhecer as regras do direito ou morais, as práticas lingüísticas e outras”. A violência simbólica, então, expressa-se na imposição “legítima” de certos valores, hábitos, idéias, pensamentos da cultura dominante. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima desse processo, pois acredita ser uma situação natural e inevitável, visto que a violência simbólica tem por objetivo fazer com que o indivíduo avalie e até mesmo aceite o mundo de acordo com critérios e padrões definidos pelo discurso dominante. Cabe lembrar que no filme analisado os alunos resistem à violência simbólica, pois indagam e não concordam, em algumas passagens, com essa imposição de regras e valores do contexto escolar. Um exemplo disso pode ser observado quando o professor julga o comportamento da classe como o de crianças de 3 a 5 anos e logo uma aluna revida e diz que François sempre “goza” dos alunos com suas piadinhas. Isso sem dizer no questionamento sofrido pelo professor sobre sua sexualidade. Logo após responder ao aluno que não era homossexual, diz poder prosseguir a aula uma vez que o mesmo já havia resolvido seus problemas psicológicos.

Analisar esse tipo particular de confronto presente na escola é um momento importante até mesmo para o repensar das práticas que permeiam o trabalho docente. Dessa forma, nossa intenção é refletir sobre alguns momentos da narrativa fílmica que melhor levantam as idéias que defendemos acerca da violência simbólica no contexto escolar. Isso também se justifica pelo fato de que os tipos de violência nem sempre são claramente vistos em sua totalidade. Em outras palavras, muitas vezes são os próprios alunos que são analisados e culpados por atitudes inadequadas. A título de exemplificação,

Nas *salas de aula*, mesas são riscadas com canivete ou pintadas com corretivos, desmontadas, cadeiras são quebradas, paredes são rabiscadas, portas são quebradas a pontapés, fechaduras são entupidas com chicletes ou cola; nos *banheiros*, pias são quebradas, privadas são entupidas; na *biblioteca*, livros são roubados, riscados ou rasgados; nos *corredores*, alunos se debatem, brigas precisam ser apartadas; *professores* e *funcionários* são agredidos verbalmente ou fisicamente (ARAÚJO, 2004, p. 103).



As reuniões pedagógicas nada mais são do que reuniões de situações de trabalho que tratam de eventos a fim de levantar opiniões, sugestões e saídas para determinados tipos de problemas. Nada melhor do que analisá-las uma vez que em seus mecanismos institucionais e conversacionais perpassam por toda uma discussão dialógica. Essas considerações nos fazem pensar quais são seus propósitos discursivos, dito de outra maneira, suas enunciações sobre a escola e sobre os alunos e se pertencem a um discurso de tolerância ou um discurso autoritário.

Vemos e presenciamos nas próprias reuniões escolares das quais participamos que, muitas vezes, imagens preconceituosas da própria direção da escola, difíceis de serem quebradas de tão incrustadas que estão na cultura social e escolar, desviam o foco central da instituição que, na realidade, deveria estar voltado para a resposta às questões: o que meu aluno não compreende? Por que não compreende? No entanto, essas questões são raramente abordadas nesses momentos, privilegiando-se, excessivamente, as que se referem às atitudes dos discentes. Isso porque,

Em primeiro lugar, porque os ‘Conselhos de Classe’ não surgiram de um espírito de cooperação entre os elementos da ação educativa, mas foram ‘encomendados’ a partir de exigências burocráticas. E para cumprir essa tarefa, não se constituem tais momentos em reflexão conjunta sobre as possibilidades dos alunos e professores, suas dificuldades e maneiras de auxiliá-los em seu desenvolvimento. Ao contrário, reduzem-se à apresentação de notas ou conceitos dos alunos e seleção de pareceres finais dentre um rol já estabelecido pela escola (HOFFMANN, 1991, p. 115).

Corroborando com essa idéia, vemos com clareza no filme “*Entre os Muros da Escola*” como esse imaginário está vivo e latente. Numa das reuniões pedagógicas, uma professora alega que “os alunos se valorizam sozinhos pelas notas alcançadas”. A partir dessa afirmação, podemos levantar algumas reflexões e questionamentos pertinentes. O primeiro questionamento refere-se às reprovações. Seria ingênuo não reconhecer que a escola é ruim para os alunos que reprovam, quebram auto-imagens, ignoram as trajetórias humanas, a diversidade. A título de exemplificação

[...] que os alunos encontrem um dia boas lembranças dos tempos da escola dependerá de que lhes sejam dadas condições de viver com dignidade suas trajetórias humanas. Dependerá também, e muito, de que a escola lhes propicie condições de viver com dignidade suas trajetórias escolares (ARROYO, 2009, p. 99).

Isso sem dizer que as reprovações na escola vão se misturando com a reprovação da mãe, do trabalho, da sociedade. Assim, verificar os processos avaliativos, bem como as continuidades e rupturas que são ou não necessárias para manter em seu seio os alunos sem, no entanto, desmotivá-los é uma tarefa difícil, mas que precisa ser urgentemente analisada, tanto nas escolas francesas como nas brasileiras.

Um aspecto que consideramos de fundamental importância em nosso estudo é a análise de alguns discursos proferidos durante tais reuniões. Por exemplo: “as regras devem se aplicar da mesma forma a todos os alunos”. Essa frase surgiu em uma das reuniões e encontros pedagógicos no filme, após o professor François dizer que “os castigos não podem ser iguais”. Ora, concordando com ele, como aplicar castigos iguais a todos os alunos se as atitudes, posicionamentos, erros, deslizos são sempre únicos e singulares? É necessário reafirmar que o contexto escolar (principalmente no caso de uma escola que recebe alunos imigrantes) é um espaço por excelência multicultural e que necessita de professores que tenham consciência desse fato. Não é que devemos deixar de nos preocupar com os processos de avaliação. Mas, é importante conhecer melhor os educandos. Um dos avanços mais determinantes da construção de outro profissional da educação é ver os alunos de outra maneira.

Isso porque toda inovação educativa tem de começar por rever nosso olhar sobre os alunos. Vale recordar que, logo no início do filme, numa das primeiras cenas, as visões estereotipadas dos alunos já são marcadas: mal comportado, bem comportado, muito mal comportado. Além disso, um docente se irrita profundamente com uma 7ª série e alega: “que eles morram no seu bairro de merda”, “parecem animais”. Em outra cena do filme, o mesmo professor, numa reunião pedagógica, diz que os alunos são um “desastre”.

A partir das cenas analisadas, podemos hipotetizar que esses argumentos sobre os alunos e que, por sua vez, refletem-se no êxito ou no fracasso escolar, têm um caráter muito mais punitivo do que inclusivo dos alunos, o que acaba por afastá-los da instituição escolar. No entanto, não podemos deixar de compreender que

O vício de fins impostos de fora tem raízes profundas. Os professores os recebem de autoridades superiores; estas os aceitam de acordo com as tendências vigentes na comunidade. Os professores os impõem às crianças. Como primeira consequência, a inteligência do professor não é livre; ela se restringe a receber os objetivos estabelecidos de cima para baixo. Raras vezes um professor se vê livre da ditadura da supervisão autoritária, das apostilas de métodos, de planos de estudo prescritos, etc.; a ponto de deixar que sua mente se aproxime da mente dos alunos e dos conteúdos (DEWEY, 2007, p. 24-25).

Outro discurso que diz respeito aos alunos presente no filme também merece ser destacado e pode ser assim sintetizado: “Se valorizam pelas notas, passando de ano, e nós os valorizamos nos conselhos de classe, encorajando-os quando a média não é boa”. Essa estratégia argumentativa surgiu quando foi levantado numa reunião que os professores poderiam estudar um sistema de penalização por pontos para os alunos. E, corroborando com a idéia de uma professora, nós professores, “estamos sempre prontos a penalizar, mas nunca a valorizar os alunos”. Não acreditamos que a aprovação num final de um ciclo, período, ou a valorização num conselho de classe seja realmente a melhor maneira de motivar os discentes. O encorajamento não deve ser visto somente com números, resultados que na verdade nem sempre são condizentes com o processo de ensino-aprendizagem.

A partir, então, desses argumentos que foram trazidos à tona, é importante diferenciarmos a violência psicológica da violência simbólica. A violência psicológica é caracterizada pela tentativa de degradar ou controlar outra pessoa por meio da intimidação, manipulação, ameaça, humilhação e isolamento ou qualquer conduta que prejudique a saúde psicológica. Podemos extrair do filme alguns episódios que nos mostram claramente como esse tipo de violência também está no seio escolar. Por exemplo, podemos citar o início da discussão que desencadeou um “caos” na sala de aula, quando o professor “ameaça” tomar atitudes mais enérgicas caso o aluno Souleymane, envolvido na briga, não mudasse seu comportamento considerado inadequado para o contexto escolar. Analisaremos a seguir esse episódio, pois a nosso ver, ele é considerado um dos principais episódios da narrativa fílmica que, assim, merece destaque.

### **Discurso de autoridade em sala de aula: o ápice do “caos”**

Podemos dizer que os participantes do discurso percebem facilmente a intenção discursiva, a vontade discursiva do falante no momento do enunciado, inclusive o *elemento expressivo* que não é neutro e já traz consigo as marcas do que se quer dizer, através da entonação, que é um traço característico dos discursos. Sendo assim, a sala de aula se torna um palco de encontro com opiniões de interlocutores que têm as mais variadas percepções de mundo.

A título de exemplificação, o professor pede à aluna Esmeralda que leia um capítulo do livro “*O Diário de Anne Frank*”. Logo a aluna revida e pergunta: “Sou obrigada?” François responde em tom assertivo e com uma entonação de voz marcada tanto pelo discurso de autoridade como pelo uso da violência simbólica: “Sim, absolutamente”.

Como a aluna se recusa a ler, o professor faz uso de sua autoridade e reitera: “No fim da aula conversamos e não vai ser nada bonito. Não vai ser tão bom para você”. Quando a aula termina, François pede à aluna que fique e faça um pedido de desculpas formal, como ele deseja ouvir e não como a discente manifesta suas palavras e sua considerada “insolência”, por não ter colaborado e lido o trecho solicitado. Após insistir que a discente reproduza o pedido de desculpas conforme imposto, a mesma sai da sala e diz estar mentindo e que, na verdade, não se desculpou sinceramente. Ou seja, mais um fato que deve ser analisado como uma resistência à violência simbólica do professor.

Acreditamos que se o professor tivesse melhor polido suas palavras para punir a aluna, a situação seria outra, melhor dizendo, se tivesse recorrido a palavras mais brandas com a discente e, até mesmo, tivesse sido mais maleável em sua atitude de insistência na reprodução de um discurso que considerava adequado no momento, tanto ela quanto ele não ficariam tão insatisfeitos com o fato ocorrido. No entanto, não se pode esquecer que

[...] as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, [...] podem permitir acumular poder simbólico (BOURDIEU, 2009, p. 11).

Conforme Bakhtin (2003, p. 271), “a compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz alta”. Em outras palavras, no contexto escolar temos um espaço privilegiado onde locutores e alocutários trocam experiências, informações. Assim, o conhecimento disseminado em sala de aula não se resume somente aos conteúdos. O processo formativo dos alunos significa proceder à mediação entre os significados tanto docente quanto discente. Em outras palavras, saber ouvir, respeitar as diferenças que ali encontramos. E justamente esse respeito ao próximo – o aluno – que o professor de “*Entre os Muros da Escola*” deixou escapar.

O momento em que o professor perde completamente o bom-senso e diz que o comportamento de duas alunas — delegadas de turma — que participaram de uma das reuniões pedagógicas que o filme aborda, é típico de “vagabundas”, ao invés de desculpar-se e assumir o erro, reinicia o assunto invertendo os papéis e acusando os alunos de não entenderem a sua colocação, ou seja, nada mais que um discurso de autoridade que, no entanto, foi interrompido pelas diversas vozes que ali se sentiram indignadas. A atitude dos alunos pode, assim, ser compreendida.

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKTIN, 2003, p. 271)

Conforme analisado por Mortimer & Smolka (2001, p. 16-17) “um outro aspecto importante é a constatação de que explicar requer não somente o uso da linguagem verbal, oral ou escrita, mas envolve imagens, gestos, enfim, elementos de representação visual”. Partindo dessa constatação, verificamos que, por mais que o professor tentasse explicar sua estratégia linguística utilizada, ele já havia perdido o controle da situação, inclusive porque sua entonação de voz pode ser percebida pelo tom assertivo, o que caracterizou a discussão e que, podemos dizer, não aceitou negociação, visto que desencadeou até mesmo uma agressão. Sendo assim, é necessário tomar cuidado com as palavras ditas, porque elas podem gerar conflitos em sala de aula, pois é um lugar complexo e multifacetado, irreduzível a um discurso unívoco, visto que ali se encontram diversas vozes muitas vezes em discordância.

Neste mesmo episódio do filme, as falas do aluno Souleymane nos chamam a atenção e devem ser ressaltadas. O docente diz ter ouvido das duas delegadas de turma presentes na reunião pedagógica que um professor o estava perseguindo. Casos como esses não podem ser tratados de forma isolada, visto que presenciamos rotineiramente atos violentos nas escolas e faculdades<sup>2</sup>.

Educar e ensinar não são sinônimos de convívio sem conflitos. A convivência nas escolas sempre foi tensa, desconfiada e até agressiva. Mas não podemos dizer que todas as condutas dos alunos são indisciplinas, apenas não são condizentes com o que se espera. Acreditamos que

[...] não há como negar que jovens, adolescentes e até crianças chegam às escolas arrogantes e desafiadores. Um desafio e uma arrogância que pode ocultar (ou revelar) a consciência de sua fraqueza diante de um mundo com eles tão desapiedado. Sua rebeldia pode ser apenas um gesto de sinceridade em uma instituição onde esperam ser ouvidos e entendidos (ARROYO, 2009, p. 41).

Neste sentido, a sala de aula se transforma, conforme Bourdieu (2009), num espaço de interação com características pré-construídas, ou seja, a composição social do

---

2 No dia 07/12/2010 mais um professor foi covardemente assassinado dentro de uma faculdade particular em Belo Horizonte. O motivo levantado, segundo o aluno envolvido no fato, seria uma perseguição do corpo docente ao mesmo. Isso sem se remeter aos inúmeros casos divulgados recorrentemente pela mídia.

grupo está antecipadamente determinada. Em outras palavras, os alunos sabem o que pode ser dito e, sobretudo, o que não pode ser dito, bem como o professor sabe, a partir da experiência, quais as melhores estratégias persuasivas às quais deve recorrer. Assim,

[...] num discurso de autoridade, as enunciações e seus significados são pressupostos como fixos, não sendo passíveis de serem modificados ao entrarem em contato com novas vozes. Em contraste, o discurso internamente persuasivo procura as “contrapalavras”, ele é “metade nosso e metade do outro” (MORTIMER; MACHADO, 2001, p. 118).

Como dentro da sala de aula duas linguagens se entrecruzam — a científica e a do senso comum — percebemos claramente que a voz do professor seria de fato compreendida como um insulto (o que de fato não pode ser desprezado) e que geraria as contrapalavras. A importância em se verificar a fala do professor no episódio, deve-se ao fato de distinguir o discurso de autoridade do discurso persuasivo. O primeiro (o dizer “vagabundas”) tendeu a consolidar a visão sobre as alunas e o comportamento inadequado quando participaram de uma das reuniões pedagógicas. Já o segundo (convencer os alunos que as alunas “pareciam vagabundas”), apresentou contrapalavras e múltiplas vozes se entrecruzaram na sala de aula.

Assim, se os professores querem que os alunos os respeitem, a princípio devem começar por rever a imagem que eles próprios têm dos discentes. Vale lembrar que

Ouvir o que sabem sobre si mesmos pode ser uma forma de valorizá-los. Vai se criando o consenso que se pretendemos conhecer e entender dos alunos, um caminho pode se confrontar nossas imagens sobre eles com suas próprias imagens. Há muitas formas dos alunos(as) falarem de suas vidas, de suas trajetórias humanas e escolares. Dando voz àqueles que por tanto tempo foram silenciados, suas auto-imagens podem destruir tantas imagens estereotipadas que pesam sobre eles. Suas falas podem ser menos preconceituosas do que tantos discursos da mídia, da política e até da pedagogia (ARROYO, 2009, p. 81).

Não obstante, valer-se da autoridade legítima e reconhecida docente — obviamente, nem sempre — não deve ser o caminho mais adequado para manter a disciplina no contexto escolar. Vimos no filme que o professor, após ser alertado que as alunas haviam se queixado de sua fala em sala de aula, foi tirar satisfações no pátio da escola, acirrando, ainda mais, a insatisfação dos alunos. Quando François diz: “Vocês têm que entender que sou professor e posso dizer coisas e os alunos não! E é assim mesmo!”, mais uma vez fica claro um discurso de autoridade que não é aceito pelos alunos e nem mesmo é considerado legítimo. Certamente, não somente os professores têm direitos dentro da instituição e isso não pode ser esquecido ou deixado em segundo plano na obra analisada.

Concluindo, o episódio da briga desencadeada em sala de aula, iniciou-se a partir de um discurso marcado inicialmente pela autoridade do professor. No entanto, tornou-se um discurso dialógico quando as marcas expressivas da enunciação — a entonação das palavras ditas, por exemplo — levaram ao desencadear de uma situação que culminou na repulsa dos alunos. Podemos perceber esses conflitos que se estabelecem em sala de aula como interações discursivas que dependem da seleção adequada ou não das estratégias linguísticas utilizadas.

### **Considerações Finais**

Embora tenhamos optado por fazer apenas o recorte de algumas situações que consideramos mais instigantes no filme *“Entre os Muros da Escola”*, podemos levantar pontos importantes para uma reflexão acerca do papel que a instituição escolar tem na atualidade e do papel exercido pelos professores nesse ambiente.

Os personagens "rebeldes" e principais questionadores da autoridade do professor, observados na análise da narrativa fílmica, merecem ser estudados não como personagens fictícios, pois na realidade das escolas eles existem e estão presentes nas salas de aula, ou seja, não podem ser desvinculados do mundo real. Portanto, o tema abordado é universal, mesmo que haja especificidades no sistema escolar francês. Mas a questão central deve ser compreendida como um novo olhar e novas maneiras de lidar com a juventude que está presente nas escolas.

Dubet (2008, p. 36) chama-nos a atenção para um fato que não pode ser desprezado quando se reflete sobre o ensino francês, lembrando que merece também destaque para outras realidades escolares, inclusive a brasileira. Refere-se ao peso das avaliações e das decisões pedagógicas que recaem mais severamente sobre alunos de origem social inferior. Em tempos em que a escola perdeu sua imagem de “libertadora” das desigualdades sociais e “promotora das igualdades de oportunidades”, é pertinente que obras como essa permitam esse tipo de discussão.

No entanto, cabe assinalar as contradições da educação que levantamos neste trabalho, como as reuniões pedagógicas e o episódio ocorrido na sala de aula que culminou na violência física. Conforme assinalou Bourdieu (2010, p. 41), “o sistema educacional não pode ser entendido como um fator de mobilidade social, de “escola libertadora”, pois a fundo se trata de um dos fatores mais eficazes de conservação social e de reprodução social, ao tratar todos os educandos, por mais desiguais que sejam, como iguais em direitos e deveres.

Ao trazer para nosso cotidiano considerações sobre as lutas, ou, até mesmo, as barreiras da profissão docente que se materializam nos conflitos vivenciados nas relações escolares, consideramos que o objetivo da obra é mostrar a mediação presente nas relações discursivas dentro de uma sala de aula tão multicultural e, sobretudo, a importância do professor como profissional, ser social, educador e, por conseguinte, como pessoa que não é imune a estados emocionais.

Por trás dessa observação, podemos analisar a importância do discurso professoral que tende a comprometer até mesmo o interesse dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, caso haja certo descontrole nas palavras ditas num ambiente sociocultural que está permeado das mais diversas formas de pensar e agir. Pode-se pensar que quando escolhemos as palavras para o enunciado é como se nos guiássemos pelo tom emocional próprio de uma palavra isolada: selecionamos aquelas que, pelo tom, correspondem à expressão do nosso enunciado e rejeitamos outras (BAKHTIN, 2003, p. 290). Isso porque

Em cada enunciado — da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura — abrangemos, interpretamos, sentimos a intenção discursiva de discurso ou a vontade discursiva do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa idéia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 281).

Defendemos a idéia levantada por Mortimer & Machado (2001, p. 118) de que “o uso — ou não — do discurso apropriado para cada contexto pode explicar o entendimento — ou desentendimento — entre professor e aluno”. Por isso,

É importante motivarmo-nos para refletir profissionalmente sobre os discentes nos tempos atuais, pois a violência nas escolas e as indisciplinas nas salas de aula são fatos preocupantes. Está em jogo a quebra de imagens sobre os tempos da vida, sobre o que é próprio ou impróprio, esperado ou inesperado da imagem que nós fazemos de cada tempo humano com que lidamos (ARROYO, 2009, p. 24).

Para finalizar, pensamos que o filme, em alguns aspectos e trechos que selecionados, reforça uma visão colonizadora e até mesmo autoritária do contexto escolar. É merecido lembrar que os instrumentos de comunicação cumprem uma função política de imposição ou legitimação da dominação, contribuindo para assegurar a dominação de uma classe sobre outra. Assim, conforme Bourdieu (2009), o discurso dominante está permeado de



violência simbólica, tendendo a impor a ordem estabelecida como natural por meio da imposição mascarada.

Corroboramos com a idéia de que, em muitas passagens, o docente, ao lidar com uma turma absolutamente multicultural, consegue ser mais nocivo do que conciliador, tentando convencer os alunos a partir de argumentos que não são capazes de persuadi-los. O objetivo de interpretar as contradições nas tensões verbais e não-verbais em alguns episódios da narrativa fílmica, não tem a intenção de levantar apenas situações de violência simbólica cometidas pelo professor. Além disso, o filme não pode ser analisado somente pela ótica da educação: ele atravessa os muros da escola para falar da sociedade atual, das relações humanas, da noção de autoridade, da maneira como transitamos entre tantas culturas diferentes.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Marcelo. A violência simbólica: uma difícil percepção. **Revista Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 6, n. 2 – jul/dez 2004. p. 101-106.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BALAZS, Gabrielle; SAYAD, Abdelmalek. A violência da instituição. In: BOURDIEU, Pierre, et al. **A Miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 569-586.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- \_\_\_\_\_. O espaço dos pontos de vista. In: BOURDIEU, Pierre, et al. **A Miséria do mundo**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11-14.
- \_\_\_\_\_. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: **Escritos de Educação**. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- DEWEY, John. Objetivos da Educação. In: **Democracia e Educação: capítulos essenciais**. São Paulo: Ática, 2007. p. 11-28.
- DUBET, François. A igualdade meritocrática das oportunidades. In: **O que é uma escola justa? A escola das oportunidades**. São Paulo: Cortez, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Mito e desafio**: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: 1991.

MORTIMER, Eduardo Fleury; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Linguagem, cultura e cognição um olhar sobre o ensino e a sala de aula. In: MORTIMER, Eduardo Fleury; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **Linguagem, cultura e cognição. Reflexões para o ensino e a sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 9-20.

MORTIMER, Eduardo Fleury; MACHADO, Andréa Horta. Elaboração de conflitos e anomalias na sala de aula. In: MORTIMER, Eduardo Fleury; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **Linguagem, cultura e cognição. Reflexões para o ensino e a sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 107-137.

SACRISTÁN, Gimeno J. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. 2.ed. Porto: Porto, 1995. p. 63-92.

SANTOS, Marcelo Moreira. **Cinema e Pragmatismo**: uma reflexão sobre a gênese significativa na arte cinematográfica. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRAGMATISMO, 10, 2007, São Paulo: PUC-SP, 12 a 15 de novembro de 2007. p. 1-7. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/santos-marcelo-cinema-e-pragmatismo.pdf>. Acesso em 24/10/2011.

VASCONCELLOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 78, Abril/2002.